



## TEXTUALIDADES EM MÍDIAS DIGITAIS: ESTÉTICAS INTERMÍDIA E CIBERLITERATURA

Débora Cristina Santos e Silva<sup>1</sup> (UEG/UniEV)

### Resumo:

Este artigo propõe uma reflexão sobre lugar da poesia na formação do leitor, tendo em vista as metáforas e imagens recorrentes nas interfaces do discurso das hipermídias, entre as linguagens propiciadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na sociedade contemporânea. Busca demonstrar as vivências possíveis de leitura e apreciação estética que estas oferecem ao utente/leitor para o exercício da criatividade e da autonomia na construção da inteligência coletiva.

**Palavras-chave:** ciberliteratura, hipermídias, leitura, poesia digital.

### Abstract:

This article intends to reflect upon the place of poetry in the formation of the reader, considering the recurrent metaphors and images in the interfaces of the discourse of the hypermedia, among the languages provided by the Technology of Information and Communication (TIC) in contemporary society. It aims to demonstrate the possible experiences of reading and aesthetic appreciation which offers to the user/reader for the exercise of creativity and autonomy in the construction of collective intelligence.

**Key-words:** cyberliterature, hypermedia, reading, digital poetry.

## Introdução

A sociedade contemporânea tem sido marcada pela ascendência e a consolidação da cibercultura. Em processos dinâmicos de interação e ações colaborativas, novas redes sociais e espaços virtuais de convivência, entretenimento e aprendizagem disseminam-se pelos caminhos reticulares da *Web*, configurando o que se pode chamar de **sociedade do conhecimento**, uma sociedade que “tem no conhecimento e na aprendizagem, e não apenas na



informação, um fator dinamizador das transformações sociais” (BONILLA, 2009, p. 32). A esse respeito, assinala Lévy (2003, p. 152) que “o ciberespaço será o principal ponto de apoio de um processo ininterrupto de aprendizagem e de ensino da sociedade por si mesma (...) Nele toda a sociedade humana irá convergir para uma inteligência coletiva”. É nesse quadro cada vez mais delineado em direção à construção coletiva do conhecimento e da inteligência artificial (AI), numa efetiva expansão das possibilidades da linguagem e das formações discursivas na hipermídia, que o professor não pode se eximir de sua atuação enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem, intensificado pelos múltiplos recursos das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na contemporaneidade.

Uma mutação social dessa magnitude tem suscitado muitas linhas de investigação, gerando grande volume de pesquisas no sentido de se desvendar os mecanismos operacionais da cibercultura. Entre tantas frentes, destacamos aqui o grupo de pesquisadores luso-brasileiros do CECLICO (Centro de Estudos de Cultura, da Linguagem e do Comportamento), abrigado pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa (UFP), em Porto, Portugal, que atua em cooperação internacional com o Brasil, além de outros países, e do qual fazemos parte. Nesse núcleo, desenvolvem-se estudos em torno da produção, aquisição e construção de conhecimento em meios digitais, considerando-se as áreas de Comunicação, Sociedade, Cultura e Literatura. Os pesquisadores do grupo se dedicam à investigação das possibilidades pedagógicas do ciberespaço - enquanto **ciberlugar interterritorial** da sociedade em rede e enquanto suporte das TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação) - para o desenvolvimento de estratégias e metodologias de ensino, de ferramentas e objetos de aprendizagem úteis à disseminação da literatura, da leitura e das artes, em mídias digitais. (Cf. [www.po-ex.net](http://www.po-ex.net))

No Brasil, a ênfase do nosso trabalho de pesquisa e ensino, atualmente no Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT), na



Universidade Estadual de Goiás (UEG), tem-se direcionado a preparar professores de Letras e Pedagogia, além outros pesquisadores de áreas afins, para as novas demandas educacionais, em ambientes formais e não formais de aprendizagem, considerando as múltiplas linguagens da cultura visual contemporânea e as condições de produção do saber no contexto da convergência de mídias e das interações sociais.

Nesse âmbito, desenvolvemos, entre os anos de 2011 e 2012, junto à Universidade Estadual de Goiás e ao Centro Universitário de Anápolis, os projetos **Textualidades em hipermídia e ciberliteratura: reflexões teóricas perspectivas de ensino** e **Ensino de literatura em hipermídia e processos interacionais** (ambos fomentados pelo CNPq). Por meio dessas pesquisas, temos investigado exatamente como o professor se coloca nesse entrelugar de diálogo, nesse espaço de interação que a *Web* oferece, enquanto recurso de eficácia inegável, porém complexo e exigente, diante dos mais variados fatores implicados no processo de construção de conhecimento e de formação do sujeito na sociedade atual.

Nesse artigo, pretendemos suscitar alguns questionamentos a respeito do tema proposto e proceder a um breve relato de nossas experiências de pesquisa e transposição didática com de exercícios de leitura e escrita criativa em meio digital. Iremos, inicialmente, às reflexões.

### **Do texto à tela: a (inter)face imagética do poema**

Ao abordar esse tema, é preciso admitir inicialmente as transformações estético-formais que acarretaram, na cultura ocidental, a passagem da palavra à imagem, do texto impresso à tela do computador, num processo desencadeado a partir do experimentalismo fecundo das vanguardas modernistas. Tal processo foi-se acentuando à proporção que as tecnologias de informação e as mídias digitais se aperfeiçoaram, sobretudo depois da década de 80, com a popularização do PC (o *personal computer*) e o surgimento da rede mundial de computadores (WWW).



Antes, porém, nas décadas de 50 e 60, o movimento da poesia concreta já trazia consigo o gérmen das produções da ciberliteratura que surgiriam posteriormente, uma vez que a poesia visual desse período já antecipava sua inclinação dominante de **transcender a página impressa**, por meio de exercícios de experimentação estética que superavam o espaço bidimensional do papel e alcançavam a tridimensionalidade. O poema, além de ser lido, passara a ser **visto**. É por razões como esta que, para interpretar adequadamente o fenômeno da poesia digital e da ciberliteratura atual, mostra-se necessário compreender sua herança estético-formal, que remonta ao Concretismo.

Efetivamente, movimento da Poesia Concreta, alimentado pela produção poética e crítica de pensadores relevantes, a exemplo de Mallarmé, Ezra Pound, Apollinaire e Cummings, foi determinante para traçar o perfil de uma nova poesia: a evolução crítica de formas (a palavra-viva), o uso do espaço gráfico como agente estrutural do poema, a criação ideogramática, o poema-objeto e verbivocovisual, o uso de isomorfismos, entre outros. Nesse formato, a poesia apresentava uma linguagem concisa e objetiva e o poema concreto era feito para ser visto como um todo homogêneo e fragmentário. (FINIZOLA, 2004).

Além disso, a revolução técnico-científica que o mundo vem experimentando nos últimos 30 anos transformou as artes em geral, e a literatura, em particular, sobretudo no que diz respeito ao terreno ainda indefinido do ciberespaço, abrindo caminhos para a exposição da criatividade e para novos parâmetros de valoração crítica. Desta forma, superando a construção imagética por meio do fonema, como unidade mínima de significado, a linguagem poética persegue outros percursos de significação, a exemplo do som, do movimento, da imagem visual, da taticidade do poema, recriando formas que aglutinam diferentes matrizes de linguagem, de recursos retóricos e mídias, numa performance **cineverbivocovisual**. E nesse novo contexto da web-semântica, aparece um elemento significativo na construção da ciberarte e da infopoesia: o **pixel**.



A atitude experimentalista dos poetas precedentes indica que “a poesia vanguardista do princípio do século XX, sobretudo, a concreta, já anunciava uma espécie de poética pré-digital, nomeadamente ao propor uma separação, através da colagem, de todos os elementos que as tecnologias multimédia (sic) com facilidade (e necessariamente) hoje isolam.” (TORRES, 2008, p.1). Ademais, não podemos esquecer que uma das propostas do experimentalismo literário do século XX foi precisamente a abertura de um espaço lúdico, no qual o leitor pudesse se envolver, de maneira pragmática, confrontando a idéia não somente da arbitrariedade dos signos, mas principalmente da transparência e da ocultação dos processos. Nesse enfoque, não há dúvidas de que o ciberespaço - com seus processos de construção colaborativa em rede ou jogos interativos - surge efetivamente como terreno ideal para o experimentalismo literário.

Efetivamente, o maior ou menor grau de envolvimento do eu do poeta no processo de criação tem oscilado, desde os primórdios da produção lírica ocidental, entre uma expressão direta, subjetiva e confessional a um distanciamento entre este e o objeto de sua poesia, quando o texto surge como entidade autônoma. Nesse estágio, estaríamos no nível da metapoesia ou da “poesia da poesia”, que predominou nos anos 50 e 60. O último grau seria o da infopoesia, que conta com utilização simultânea de signos verbais e não-verbais para, por meio de ferramentas e interfaces, criar estruturas poemáticas de alta complexidade visual, que se manifestam simultaneamente nos níveis semântico, sintático e estrutural. Nesse contexto de criação poética, deve-se considerar que o eu do poeta e a noção de autor-operador não podem e nem devem ser confundidos.

Também a adoção de uma geometria rígida não é mais adequada à natureza proteiforme das imagens infopoéticas. Essa geometria, de origem euclidiana, era baseada no quadrado, no círculo e no triângulo ou, em formas tridimensionais, no cubo, na esfera e no tetraedro - como na Bauhaus e em Kandinsky - estabelecendo-se uma relação perceptiva entre estas formas e as três



cores primárias no sistema subtrativo: vermelho para o quadrado-cubo, azul para o círculo-esfera e amarelo para o triângulo-tetraedro. (CASTRO, 1997)

Na infopoesia, outra geometria de coordenadas e formas variáveis se faz necessária: uma geometria em que a transformação seja em si própria uma componente estrutural. Tal geometria pode ser iniciada, considerando-se como formas variáveis a *dobra*, a *espiral* e a *mola*, dentro de um espaço bi ou tridimensional, já que no espaço bidimensional da tela do computador se podem fazer representações tridimensionais.

É assim que na videopoesia de um E.M. de Melo e Castro, encontramos *formas em 3D* e *fractais* - construções imagéticas baseadas na dobra (simultaneidade do côncavo e do convexo, do interior e do exterior, de cima e de baixo), na espiral ( movimento circular sobre um eixo, fluidez/instabilidade e dinâmica da matéria) e da mola (movimento de cístole e diástole, de trepidação e transformação plástica). (CASTRO, 1997). Esses elementos compõem a poesia digital contemporânea. Esta, porém, é ainda uma produção que não permite a interatividade, restringindo a participação do utente/leitor a uma proposta ainda limitada de leitura, como demonstram as criações visuais de E. M. de Melo e Castro, disponíveis no sítio do autor: [www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro](http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro)

Os *Pinturais* são produções do autor que se colocam a meio-caminho entre a arte plástica e a poesia, definidas pelo trabalho estético-formal com o pixel, que, nesse caso, se transforma em “unidade semântica” mínima de uma linguagem, a digital. O pixel, como a menor unidade visual proporcionada pela hipermídia, torna-se também a menor unidade de construção infopoética. Enquanto unidade de energia luminosa, portanto imaterial, de dimensão zero, é capaz de gerar imagens de dimensões inteiras e também de dimensões não-inteiras, como os fractais.

Esta poética, ao produzir sensações por meio da construção de imagens imateriais, é capaz de modificar a percepção, tanto do operador que as produz como dos destinatários fruidores, potencializando a capacidade do operador e



elevando o grau da complexidade da fruição estética em níveis ilimitados. (CASTRO, 1997). Nesse contexto de criação literária, a função do autor se relativiza, pois seu trabalho torna-se exponencial e imprevisível.

Esse tipo de produção, conquanto não se defina, ainda, no âmbito dos estudos literários, a qual **gênero** possa pertencer, uma vez que se trata de certo gênero híbrido, que transita entre a arte plástica e visual e a literatura, podemos, ao buscar interpretar esse fenômeno expressivo, nos reportar ao que Dick Higgins denominava de **produção intermédia**. Definindo o termo, assinalava o crítico: “Quando dois ou mais meios discretos se fundem conceitualmente, eles se tornam **intermédia**. Diferem de meios mistos, sendo inseparáveis na essência da obra de arte” (HIGGINS, 1984, p. 138 /grifo do autor/). No cenário atual das hipermídias, encontramos criações que se aproximam dessa proposta, a exemplo dos **scripoemas** e dos **flashpoemas**, muito frequentes nas poéticas de Antero de Alda e Arnaldo Antunes. Nessas produções próprias dos meios digitais, instaura-se a **convergência de mídias**, assim definida por Eduardo Pellanda: “A **convergência de mídias** se dá quando em um mesmo ambiente estão presentes elementos da linguagem de duas ou mais mídias interligadas pelo conteúdo” (PELLANDA, 2001, p. 96 /grifo do autor/)

Efetivamente, na superação gradativa dos limites da página impressa, uma gama expressiva de produções digitais terão lugar no ciberespaço, pondo em questão as noções de visualidade, materialidade e reversibilidade da literatura, na transposição do texto à tela. Quando se abre espaço à interatividade, como é o caso da hiperficção, da ópera quântica e da LGC (Poesia Gerada por Computador), intensificaram-se ainda mais as possibilidades de composição estética. Nesse âmbito da criação poética luso-brasileira, reafirma-se nossa convicção de que essas textualidades, oriundas de tecnologias digitais e hipermidiáticas, difundidas por meio das redes de informação, abrem espaço para a interação estética dos diferentes códigos semióticos implicados nos textos artístico e literário. Sem dúvida, é preciso reconhecer que a materialidade dos significantes poéticos,



manifestos no nível da expressão, contribui de forma significativa para uma complexidade de planos em que o cinético, o verbal, o visual e o sonoro (o cineverbivocovisual) se combinem, num jogo de simultâneo de atualizações.

Tais produções, que se transformam e multiplicam a cada dia, (re)velam, em suas performances, estruturas semânticas e cadeias imagéticas, os constructos culturais e ideológicos de uma sociedade também em transformação, estabelecendo novos rumos da leitura, da produção do conhecimento e da apreciação da estética.

### **Ciberliteratura e LGC: o computador inventivo**

Uma evidência que tem-se consolidado gradativamente é que, com o advento da Internet, vivencia-se, cada vez mais, a linguagem e o ato comunicativo em rede. Isso acabou por subverter as fronteiras existentes entre emissor e receptor, o que, conseqüentemente, afeta as produções poéticas atuais. E é justamente no domínio dessas produções que permeiam o diálogo intermídia - a videopoesia, a holo e a biopoesia, a hiperficção e a LGC - que encontramos poetas luso-brasileiros contemporâneos, a exemplo de E. M. de Melo e Castro e Pedro Barbosa, Eduardo Kac e Arnaldo Antunes, Fernando Aguiar e Avelino de Araújo, só para citar alguns, integrantes de uma geração que renova o fazer poético, mantendo, no entanto, o respeito à tradição e suas relevantes contribuições.

No Brasil, de acordo com o crítico Jorge Luis Antônio (2010), a data de novembro de 1960 marca a publicação do “Poema Elétrico”, de Albertus Marques (1930-2005), como o início da experiência poética em meios eletrônicos, sendo a obra *Le Tombeau de Mallarmé*, de Erthos Albino de Souza (1932-2000), uma coletânea de dez poemas, considerada a primeira poesia brasileira em mídia eletrônica.

Em Portugal, não seria diferente, uma vez que os primeiros sinais de vanguarda trouxeram a inquietação e a ebulição de novas tendências, evidentes no





simultaneísmo/futurismo de Almada Negreiros, no sensacionismo/interseccionismo de Fernando Pessoa, entre tantos outros. Mas o processo de renovação estética só irá se consolidar bem mais tarde, com o surgimento de uma vanguarda tardia, entre as décadas de 1950-60, pelo experimentalismo de Ana Hatherly, Herberto Helder, E. M. de Melo e Castro, Antônio Aragão, Alberto Pimenta, Salette Tavares, entre outros poetas que lançariam as bases da poesia contemporânea. Esse movimento ficou conhecido como Poesia Experimental Portuguesa e produziu uma poesia de alta voltagem estética.

Com efeito, rompendo com a literatura oficial e acadêmica da época, em sua tendência clássica dominante, a poesia experimental (concreta, visual, sonora ou cibernética) não se ressentiu de menos estruturação, menos elaboração ou menos rigor estético. Porém, reage sistematicamente a todo o academicismo, ao saudosismo literário e ao ranço do decadentismo-simbolismo da poesia tradicional. De acordo com o web-poeta e pesquisador Rui Torres, coordenador do CECLICO, centro de estudos que desenvolve o já citado projeto pioneiro de catalogação, digitalização, enquadramento teórico e disseminação dessa poesia (o PO-EX 70/80), “mais do que uma literatura marginal, a poesia experimental tem sido uma literatura marginalizada pela cultura literária, pois o experimentalismo promove o desrespeito às leis clássicas, a novidade nas técnicas ou nos motivos, a contaminação dos gêneros, a complicação estrutural e pelo marketing literário”. (TORRES, 2008, p. 15)

A poesia experimental se lança, desta forma, na superação dos limites da teorização dos gêneros, apresentando uma atitude transgressora face às convenções dominantes e gramáticas específicas. Efetivamente, a partir dos anos 50, deu-se por encerrado o ciclo histórico do verso enquanto unidade rítmico-formal, abrindo caminho para uma renovação da comunicação estética e a consequente desmontagem do discurso literário (RISÉRIO, 1998).

A partir desse momento fecundo de experimentação poética, com o advento de novas tecnologias de comunicação, foram surgindo outras produções



ainda mais criativas e dinâmicas: os hologramas, de Augusto de Campos e Eduardo Kac ( projetados com laser em 3D), os poemas fonéticos e cinéticos, de Mike Waver, e, com a socialização da Internet, os ciberpoemas, os clip-poemas, os flash e scriptpoemas de Antero de Alda, Rui Torres e Melo e Castro, entre outros. Desde então, o cenário constituído estabeleceria relações novas entre a cibercultura e a poesia lusófona contemporânea, a exemplo das complexas e ricas experiências da poesia surrealista, da concreta, do cubofuturismo, da poesia experimental portuguesa e, mais recentemente, da ciberliteratura.

Mas em que consiste o que chamamos hoje de ciberliteratura? Como encarar essa nova genealogia de texto que, sem prescindir de suas prerrogativas enquanto texto literário, enunciando uma linguagem verbal, não abre mão de seu caráter imagético? Quais os limites do literário? O que minimamente deve um texto possuir para qualificar-se como **literatura**? Questões como estas se levantam num contexto de criação em que a fusão de gêneros e modalidades estéticas passam a tornar-se a regra e não a exceção. Poema e pintura se **(con)fundem**, vídeo e poesia se delineiam em mídias convergentes... Basta acessar os sítios de web-poetas contemporâneos para perceber o estreito limite que hoje se impõe entre arte plástica e poesia (flashpoemas, pinturais, cibervisuais, anamorfoses e fractais), narrativa, games e música (ópera quântica), entre outras produções híbridas.

Nesse contexto, outro questionamento se nos impõe: Até que ponto a literatura eletrônica se encontra em interação com a mídia computacional e quais os efeitos dessa interação? É a mesma problematização feita por Katherine Hayles. Nesse âmbito, assinala Hayles (2009, p. 61) que “a natureza computacional da literatura do século XXI é mais evidente, porém, na literatura eletrônica. Mais do que ser marcada pela digitalidade, a literatura eletrônica é, de modo ativo, formada pela mesma”.

Com efeito, percebe-se que surge na ciberliteratura uma espécie de simbiose entre o autor e o computador, uma vez que este último participa do



processo criativo como um instrumento manipulador dos signos verbais e elemento ativo da produção artística. O material fornecido pelo autor para que se inicie a criação da obra é alterado pelo computador (que o processa em linguagem binária), dando-se como resultado algo diferente do que fora apresentado inicialmente. Assim, o texto informático que aparece aos olhos do leitor não é, essencialmente, o que está configurado na linguagem da máquina, mas o que se realiza no momento mesmo de sua execução, no momento de sua leitura.

De fato, a textualidade eletrônica instaura um processo de reversibilidade que dinamiza e enriquece ao infinito o ato próprio de leitura. Além disso, a introdução da interatividade no momento da recepção do texto em processo pode conduzir a uma intervenção nas funções tradicionais do autor e do leitor, mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final. Nesse contexto de produção, uma grande variedade de formas de textualidade, integradas à multimídia, podem se concretizar por meio de complexos processos de transposição semiótica enriquecedores e abrangentes, tornando a experiência de fruição estética muito mais eficiente. (BARBOSA, 2001). Ademais, o poder de recriar e operacionalizar simultâneas conexões, sem ordem pré-estabelecida, gera a emancipação do leitor, que trilha os próprios caminhos e sente-se mais instigado a aprender e interpretar os contextos, uma vez que pode utilizar não só a página impressa ou o ecrã eletrônico, mas diversas outras mídias que viabilizam e enriquecem o processo de leitura. (SILVA, 2012)

Assim, ainda segundo Barbosa (2001), a Criação Assistida por Computador (CAC) equivale a um tipo de “gramática da fantasia” que nos permite *criar*, por meio do computador (C), a partir de um repertório de sinais (S) e um número finito de regras (R) combinatórias e um algoritmo (programa) - um simulador de imaginação - que determinará que sinais ou regras serão selecionadas de cada vez. É esse trinômio -  $C=I(S+R)$  - que define o Programa Estético na Inteligência Artificial (AI) ou na Literatura Gerada por Computador (LGC).



As possibilidades de criação nesse formato são ilimitadas, a exemplo de textos mínimos repetitivos, criados a partir de um sintetizador de textos (SINTEXT), como no exemplo a seguir, cuja permuta dos termos permitiria ultrapassar os 362.880 versos:

**Litania eletrônica 3**

MORRE NO SILÊNCIO DO INFINITO A VIAGEM DA PALAVRA  
NASCE NO CANSAÇO DA PALAVRA O MEDO DO INFINITO  
NASCE NO CANSAÇO DO INFINITO O MEDO DA PALAVRA  
MORRE NO CANSAÇO DA PALAVRA O SILÊNCIO DO INFINITO  
MORRE NA VIAGEM DO CANSAÇO A PALAVRA DO MEDO  
NASCE NA VIAGEM DO CANSAÇO O MEDO DA PALAVRA  
MORRE NO SILÊNCIO DO MEDO A PALAVRA DO CANSAÇO  
NASCE NO MEDO DO SILÊNCIO A VIAGEM DO CANSAÇO

.....

(BARBOSA, 2001, p. 7)

Como pode ser perceptível na interface, ao se executar o programa, com uma velocidade surpreendente, a máquina pode desenvolver até a exaustão o algoritmo combinatório, partindo apenas dessa pequena frase. Seria isso válido como uma possibilidade de leitura e produção, na qual a capacidade produtiva da máquina se nos impusesse um exercício de interpretação? É evidente que limitar a poesia digital a meros exercícios textuais seria tão somente delimitar um formato, e o espaço cibernético pode nos oferecer muito mais. No entanto, a experiência de criação é válida e nos conduz a uma reflexão sobre as reais possibilidades que o virtual pode nos oferecer: a criação da ópera eletrônica, da hiperficção, dos *mouse-poems* (poemas gerados aleatoriamente pelo movimento do cursor sobre a tela), dos vídeos interativos e games, entre outros. E essas experiências estão se espalhando nos mais diferentes cantos do mundo, visto que, no espaço da rede virtual, não existem fronteiras.



A ciberliteratura, desta forma, resume-se a essa modalidade de criação literária que utiliza o computador, enquanto **máquina semiótica** para a elaboração de estruturas hipertextuais, num processo infinito de atualizações. Nesse contexto de produção, o computador é utilizado como uma ferramenta de manipulação de signos verbais e não apenas para armazenar e difundir informações. O uso criativo do computador é variável, pois depende das potencialidades gerativas do algoritmo nos programas: um algoritmo de base combinatória, aleatória, estrutural, interactiva ou mista. O processo de criação o hipertexto compõe-se de duas etapas: a da concepção (do homem) e o da execução (da máquina). O artista concebe o modelo da obra a realizar (programa), a máquina desenvolve e executa as múltiplas realizações concretas desse modelo, dentro de um campo de possibilidades textuais. (CASTRO, 1998).

Entretanto, essa postura, que não é apenas formal ou retórica, mas, sobretudo, epistemológica, se fará sentir ainda mais acentuadamente nas mais novas criações hipermídia, quando as condições de produção e recepção da mensagem no novo sistema comunicacional da cibercultura mudará radicalmente. No dizer remissivo de McLuhan (2008, p. 21): “o meio é a mensagem”, é preciso reconhecer que desde o início ainda incipiente das poéticas digitais (Concretismo, Neoconcretismo e Poesia Experimental), o livro já não era o meio adequado para dar conta de todas as exigências estético-semióticas do que se criava naquele momento - o poeta passava a apresentar-se como o **designer** da linguagem, como sugerem os *Poemóbiles* (Augusto de Campos e Júlio-Plaza), a *Caixa Preta* (Augusto de Campos) e, mais recentemente, a videopoesia de *Nome* (Arnaldo Antunes).

### **Oficinas de leitura e escrita criativa: navegando, pensando, escrevendo...**

Muito enriquecedora se mostrou nossa experiência de ensino, fruição e produção criativa de literatura por meio do blog enquanto ciberlugar de interação



e construção compartilhada de leitura e escrita. Entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro de 2012, realizamos diversas oficinas de escrita criativa em escolas das redes pública e privada dos municípios de Anápolis e Pirenópolis. Durante esses encontros de duas horas e meia, com estudantes do ensino fundamental, os “blogueiros” foram confrontados com obras contemporâneas, pensadas para o ambiente digital, a exemplo do blog de Antero de Alda (<http://anterodealda.com>) e o Poemário, de Rui Torres ([www.telepoesis.net/poemario](http://www.telepoesis.net/poemario)). Após leituras e reflexões dos textos lidos e fruídos, abriam-se discussões sobre os seguintes aspectos: linguagens (sonora, visual, verbal, cinética, etc), estruturas (sintática, semântica, espacial, temporal), suporte (mídias convergentes), gêneros textuais (com a noção de hibridismo), mensagem (temática, intencionalidade do emissor, percepção, recepção, etc), impressões, sensações e reações do leitor diante da tela.

Após leitura e discussão, já numa terceira etapa, os estudantes eram convidados a produzirem releituras de textos poéticos clássicos, de notícias de jornais eletrônicos, de poemas digitais, de anúncios e telas (do expressionismo de Van Gogh ao hiper-realismo contemporâneo de Alissa Monks). Os textos foram publicados no blog criado para este fim (<http://pensandociberliteratura.blogspot.com>) e, desta forma, passaram a ter circulação social e oportunizaram a troca de experiências entre os autores e leitores. Em outros momentos, procedemos à construção de poesia generativa no *Poemário*, quando os alunos, seguindo as instruções do SINTEXT, criavam seus próprios poemas combinatórios, por meio de motores textuais.

Sistematicamente, oportunizou-se a leitura de blogs de autores novos e renomados. Encorajou-se também que os alunos expusessem produções em meio digital que tivessem sido realizadas anteriormente às oficinas. As experiências anteriores dos alunos, enquanto autores e leitores, tornaram-se mais um espaço de enriquecimento da vivência on-line e de valorização da produção já existente. Muitos alunos compartilharam seus blogs pessoais, apresentando seus textos e



comentando os dos outros. Para alguns, esta teria sido uma primeira experiência de produção de poesia, uma vez que o texto poético é tão pouco explorado nas aulas ordinárias de literatura na escola. Segundo os próprios alunos testemunharam: “Fazer poesia é muito difícil!” Com essa experiência, todos perceberam que: “Não é porque é difícil, que não é possível! Muitos realizaram ali seu primeiro poema e gostaram da experiência. Outros ainda se mostraram tímidos ao escrever, visto que a extrema exposição do ambiente digital lhes causava insegurança. Esse foi um dado interessante do processo de interação observado.

Entretanto, as oficinas obtiveram um resultado positivo quanto à interação dos estudantes entre si e com os textos oferecidos. A leitura de poemas em suportes digitais suscitaram questionamentos sociais, filosóficos, literários e estéticos. Perguntas do tipo: “Isso é um poema?” se tornaram frequentes, levando-nos a discussões interessantes sobre a interação de linguagens e a convergência de mídias na composição de gêneros híbridos (as produções intermídia, conforme Pellanda, 2003). Percebeu-se claramente que é preciso promover uma atualização da teoria dos gêneros textuais na formação dos próprios professores, que ainda não sabem lidar com os gêneros digitais.

Ademais, o contato com a ciberliteratura oportunizou a percepção de que os meios digitais podem ser um ambiente de produção artística e literária de qualidade. Além disso, as falas dos alunos se voltaram para a ideia de que eles também poderiam fazer o mesmo uso que os autores lidos faziam dos recursos disponíveis na Internet. Contatamos também que não houve resistência à escrita e a leitura na tela. Pelo contrário, os alunos demonstraram satisfação por realizarem atividades nos computadores via Internet. No fechamento das oficinas, os alunos reafirmaram o desejo de continuar compartilhando suas produções em blogs, redes sociais e outros espaços fora da escola. Alguns, entretanto, pouco familiarizados, ficaram ainda reticentes.

Os momentos de escrita on-line, empregando o blog *Pensando Ciberliteratura* foram muito criativos. Após suas escritas, os estudantes sugeriam



trilhas sonoras para seus textos. Era perceptível a satisfação em ver os textos publicados e acessados pelo restante do grupo e por outros integrantes da comunidade escolar. Ser lido foi uma experiência inédita para muitos estudantes. Foi observada também a preferência por textos curtos, a exemplo de contos e crônicas, como também textos informativos extremamente sintéticos.

Desta forma, percebemos que uma educação estética não mecanizada, ou tecnicista, acabou por se realizar durante a fruição dos poemas e das produções dos alunos. Despertou-se o sentimento de autoria em relação ao texto, além de percebê-lo como grande oportunidade de expressão de ideias, sentimentos e sensações. Nos debates finais, os depoimentos demonstravam a seguinte percepção por parte dos alunos: “Somos capazes de produzir textos literários. Há escritores interessantes na época em que vivemos. Na Internet, podem-se encontrar textos e imagens inteligentes também”.

Outra experiência também muito enriquecedora foram oficinas e minicursos realizados com professores de Letras, Pedagogia e Biblioteconomia da cidade de Goiânia, por ocasião do Segundo Salão do Livro Infantil e Juvenil de Goiás, promovido pela Secretaria de Educação do Estado, entre os dias 7 e 12 de outubro de 2011. Na oficina “Textualidade em meio digital: ler, lendo, escrevendo”, os professores puderam conhecer o blog *Poemário*, com todos os recursos de acesso público a atividades de leitura e escrita, além de eles mesmos produzirem seus poemas por motores automáticos. Os professores foram orientados também a como fazer aulas de escrita criativa “sem o acesso à internet”, considerando que nem sempre na escola ele encontrará um ambiente favorável à interação via computador conectado. Eles descobriram muitas formas de fazer isso no papel mesmo. No minicurso “Ciberliteratura e escrita criativa: a leitura do poema digital”, os professores tiveram contato diretamente com os cibertextos de Antero de Alda e com a videopoesia de Arnaldo Antunes. Esta última, por meio do DVD *Nome*, com 30 videopoemas que apresentam recursos de leitura de signos





cinerverbivocovisuais, a serem explorados pelo professor, em atividades criativas e variadas em sala de aula.

Como parte de nossa contribuição à formação docente, ministramos também uma oficina com professores da rede municipal de ensino da cidade de Pirenópolis/GO, por ocasião da IV Flipiri - Festa Literária de Pirenópolis, entre os dias 2 e 6 de maio de 2012, sob o tema “Ensino de Literatura em meio digital”, quando promovemos atividades de criação de poesia digital, por meio do *Poemário*, com exercícios de transposição didática a serem utilizados em sala de aula.

Fechando o ciclo de dessas experiências, participamos ainda do II Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas (II SIIMI), entre os dias 9 e 11 de maio de 2012, em Goiânia, promovido pelo Media Lab, laboratório digital da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Neste evento, ministramos o workshop “Poesia eletrônica e escrita criativa” para acadêmicos de Artes Visuais, alunos do mestrado em Cultura Visual da UFG e demais participantes do evento. Trabalhamos ali com o blog *Pensando Ciberliteratura* e com o *Poemário*, promovendo atividades de escrita criativa.

## Considerações Finais

Ao fechar o ciclo de nossas reflexões, é-nos possível inferir que, em meio a grandes transformações sociais e tecnológicas, os percursos do leitor, do livro - impresso ou digital - e da leitura foram se configurando em vivências interativas que permitiram aos indivíduos se agregarem, a partir de interesses diversos, e se expressarem simultaneamente, de forma sincrônica e anacrônica, na construção de novas modalidades de texto e de experiências singulares de **escrileitura**.

Como uma componente discursiva a ser ainda desvendada, a materialidade do texto, em versão eletrônica, aponta a construção de novas práticas e posturas frente ao processo interacional leitor-texto, como consequência de todo um acontecimento histórico. O propósito de entender a mediação que conduz à



construção de sentidos e que exige o papel de diferentes sujeitos, dentre eles o papel do autor, nos liga a um passado ainda carente de entendimento acerca de como o leitor se encontra inscrito no texto. Pode-se dizer que esse leitor, pela própria riqueza das múltiplas linguagens oferecidas por meio do suporte digital, não seja determinado, em certo sentido, por faixa etária, mas seja seduzido pela criatividade da construção discursiva.

Constatamos também que o avanço tecnológico é decorrente de transformações sociais, já que a própria complexidade da vida moderna impõe como desafio aos leitores um defrontar-se com inúmeros gêneros textuais, linguagens verbais e não verbais. A rigor, os processos da leitura e da escrita, em suas diferentes materialidades, lançam como desafio um revisitar permanente da relação leitor e texto, numa realidade que cada vez mais se desterritorializa e se torna fluida. A multiplicidade de sentido gerada pela mudança do livro, do impresso ao digital, não é mais decorrente de um **registro** ofertado ao leitor, uma vez que este participa da dinâmica de construção do texto e intervém no cenário que fomenta outros sentidos, tornando público esse texto que se elabora a inúmeras mãos, inclusive desconhecidas. São leitores-autores **anônimos** que, diferentemente dos autores tradicionais do livro, rompem com a delimitação do público e do privado e assumem funções sociais antes prescritas e delimitadas. Entretanto, o desenrolar da relação leitor e texto só foi possibilitada porque uma trajetória histórica de desenvolvimento humano, materializado na linguagem, em seus diferentes formatos, anunciou, como ainda anuncia, novos percursos de participação social, de intervenção na realidade, que exige um olhar cada vez mais cuidadoso para as práticas em que o leitor se constitui sujeito.

Com efeito, entendemos que é papel fundamental do pesquisador da literatura e do professor não somente buscar compreender os aspectos envolvidos na produção e recepção da ciberliteratura, da leitura no texto eletrônico, como também promover experiências de leitura que possibilitem ao educando novas vivências na apreensão do fenômeno literário, mediado pela interação de



linguagens e convergência de mídias, especialmente no caso da poesia, que é nosso objeto estudo.

Como pudemos demonstrar nessas reflexões, a ciberliteratura emprega recursos típicos do meio digital, como a convergência de mídias, a fragmentação do texto, as múltiplas linguagens e a interatividade, para elaborar textos de caráter lúdico e de natureza poética. De fato, ao usufruir a poesia eletrônica, não se pode negar o impacto dessas produções no jovem leitor de hoje (como se pôde constatar nas oficinas de leitura de poesia e escrita criativa, realizadas ao longo da pesquisa, conforme consta em: <http://pensandociberliteratura.blogspot.com>).

É assim que se nos impõe um maior tempo de análise, de reflexão sobre as contribuições do ensino de literatura e da prática da leitura e da escrita na formação das novas gerações, a fim de garantir a elas o direito à educação estética, à conscientização de sua autonomia enquanto sujeitos, numa nova perspectiva de individualidade, de conquista da liberdade no ambiente de consumo e da tentativa de retorno ao sentimento de pertencimento à Humanidade, que é o que nos identifica e diferencia.

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, P. A ciberliteratura: criação literária e computador. Lisboa: Cosmos. 1996  
\_\_\_\_\_. A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador. Revista da UFP. Porto, UFP, v. 1, n. 2, maio/1998. Disponível em: <http://pedrobarbosa.net/artigonline.htm>. Acesso em: ago. 2008.

\_\_\_\_\_. O computador como máquina semiótica. In: Revista de Comunicação & Linguagens. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, n. 29, abr/2001a. Disponível em: [www.pedrobarbosa.net](http://www.pedrobarbosa.net). Acesso em: set. 2008.

\_\_\_\_\_. Ciberliteratura, inteligência artificial e criação de sentido. Conferência. Simposio Internacional Fronteiras da Ciência. Porto, UFP, out/2001b. Disponível em: [www.pedrobarbosa.net](http://www.pedrobarbosa.net). Acesso em: set. 2008.

CASTRO, E. M. M. Uma transpoética 3D. Separata do n. 27 de Dimensão, Uberaba-MG, 1998.

\_\_\_\_\_. Uma poética do pixel. Curso de Infopoesia, Semiótica e Comunicação. PUC-SP.



1997. Disponível em: <[www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames\\_textos.htm](http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames_textos.htm)>.

Acesso em: ago. 2008.

FINIZOLA, F. Poesia concreta contemporânea: novas interferências no meio digital. In: P&D Design. São Paulo, 2004.

LEVY, P. A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço... São Paulo, Ed 34. 2003.

LONGHI, R. R. Intermedia, ou para Entender as Poéticas Digitais. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/.../2002\\_NP7LONGHI.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/.../2002_NP7LONGHI.pdf)>. Acesso em: 6 jan. 2010.

RISÉRIO, Antônio. Ensaio sobre o texto poético em contexto digital. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado. COPENE, 1998.

SILVA, Débora C. S. Pesquisa e mediação pedagógica na cibercultura: desafios e possibilidades. In: SUANNO, Marilza; RAJADELL, Núria. (Orgs). **Didática e formação de professores: perspectivas e inovações**. Goiânia: CEPED Publicações e PUC-Goiás, 2012.

TORRES, R. **Poesia experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada**. Porto, UFP- PO-EX., abr/2008. Disponível em: <<http://www.po-ex.net>>. Acesso em: set. 2008.

---

<sup>1</sup> **Débora Cristina Santos e SILVA, Profa. PhD.**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Centro Universitário de Anápolis

[desants@uol.com.br](mailto:desants@uol.com.br)